

A AUTORIA DO DISCURSO TEÓRICO COMO LUGAR DE RESSONÂNCIAS DISCURSIVAS

Kelly Guasso Coelho¹

Resumo: Neste artigo, proponho uma reflexão sobre o gesto de autoria inscrita no campo acadêmico, atravessada pelas condições de produção do discurso teórico/ científico, como um lugar de “ressonâncias discursivas” (Serrani, 1991), compreendendo que o sujeito que escreve se constitui a partir da memória dos discursos que o atravessam. A partir das formulações de Michel Pêcheux sobre as condições de produção e o funcionamento ideológico da linguagem, pode-se considerar a produção do conhecimento discursivo como um movimento de retomada, deslocamento e transformação do já-dito. Neste texto tomo como base também as contribuições de Orlandi e Serrani para compreender como a autoria pode se realizar no lugar da repetição e da criação. Introduzo, ainda, a metáfora da Deusa Eco como figura simbólica que ilumina a natureza da autoria no campo acadêmico: a voz que repete o outro, mas, ao repetir, produz diferença e sentido. Nesse percurso, entendo que o texto acadêmico brasileiro atual evidencia esse funcionamento, uma vez que o sujeito-autor legitima seu dizer por meio de citações diretas e/ou indiretas. A escrita, assim, é compreendida como prática de alteridade, gesto ético e político de reinscrição do saber.

Palavras-chave: Autoria. Ressonâncias discursivas. Michel Pêcheux. Discurso teórico. Produção do conhecimento.

THE AUTHORSHIP OF THE THEORETICAL DISCOURSE AS A PLACE OF DISCURSIVE RESONANCES

Abstract: In this article, I propose a reflection on the gesture of authorship inscribed in the academic field, traversed by the conditions of production of theoretical/scientific discourse, as a place of “discursive resonances” (Serrani, 1991), understanding that the writing subject is constituted by the memory of the discourses that traverse them. Based on Michel Pêcheux’s formulations on the conditions of production and the ideological functioning of language, it is possible to consider the production of discursive knowledge as a movement of resumption, displacement, and transformation of what has already been said. In this text, I also draw on the contributions of Orlandi and Serrani to understand how authorship can be realized in the space between repetition and creation. I further introduce the metaphor of the Goddess Echo as a symbolic figure that illuminates the nature of authorship in the academic field: the voice that repeats the other, but, in repeating, produces difference and meaning. Along this path, I argue that contemporary Brazilian

1 Doutora em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria - PPGL/UFSM. E-mail: kellyguasso@gmail.com

academic writing highlights this functioning, since the subject-author legitimizes their discourse through direct and/or indirect citations. Writing, therefore, is understood as a practice of alterity, an ethical and political gesture of reinscribing knowledge.

Keywords: Authorship; Discursive resonances; Michel Pêcheux; Theoretical discourse; Knowledge production.

Introdução

Neste artigo, reflito sobre a autoria inscrita no campo acadêmico, atravessada pelas condições de produção do discurso teórico/ científico, como lugar de “ressonâncias discursivas” (Serrani, 1991). A teoria que embasa este estudo é a Análise de Discurso de linha francesa, tomando como ponto de partida o pensamento de Michel Pêcheux e os desdobramentos de sua obra na História das Ideias Discursivas. Para esta análise, parto da compreensão de que a autoria, sobretudo aquela observada no percurso teórico trilhado por Michel Pêcheux, não é um ponto de origem individual, mas um espaço de atravessamentos teóricos, históricos e ideológicos, no qual ecoam diferentes vozes, tempos e formulações. A noção de “ressonâncias discursivas” (Serrani, 1991) é tomada como chave de leitura para compreender o modo como os sentidos se repetem, se reformulam e se deslocam na produção teórica. Busco, assim, mostrar que o autor se constitui no movimento entre o mesmo e o outro, entre o já-dito e o por-dizer, estabelecendo um modo de pensar o discurso como campo de construção e desconstrução permanente.

Pensar a autoria a partir da Análise de Discurso é deslocar a noção tradicional de autoria como origem do sentido para compreendê-la como efeito das condições de produção e das formações ideológicas que atravessam o sujeito. Como propõe Michel Pêcheux, o sujeito não é o dono de seu dizer, mas o resultado das memórias e dos discursos que o constituem. Assim, o ato de escrever pode ser visto também como (se) reinscrever: produzir sentido a partir do já-dito, enunciar sobre o silêncio do outro, fazer vibrar vozes que retornam com novas linearizações do dizer.

A partir dessa perspectiva, discuto a autoria do discurso teórico como lugar de ressonâncias discursivas (Serrani, 1991), ou seja, lugar onde o dizer se repete e se transforma, onde o conhecimento se produz pela escuta do que já foi dito. Ao compreender o texto acadêmico como espaço discursivo privilegiado dessa dinâmica, proponho refletir sobre o modo como o sujeito-autor, ao citar, referenciar e dialogar com outros autores, reinscreve saberes e constrói sua própria posição no discurso. A citação direta/indireta, longe de ser mero recurso técnico, constitui-se como marca de alteridade e evidência do caráter coletivo da produção científica.

A metáfora da Deusa Eco² pode ser introduzida neste trabalho de modo a possibilitar uma leitura simbólica desse funcionamento. Condenada a repetir as palavras alheias, Eco transforma a repetição em sobrevivência: sua voz ressoa, reverbera, desloca. Assim também o autor acadêmico, que, ao repetir o discurso de outro(s), reinscreve o sentido sob novas condições de produção, transformando a memória em movimento. A figura de Eco torna-se, portanto, alegoria da autoria na Análise de Discurso, um sujeito que fala com e através dos outros, sem jamais ser mero reflexo.

2 Agradeço à Profa. Dra. Verli Petri pela sugestão desta abordagem metafórica. Da mesma forma, ao grupo de estudos Pallind (UFSM) pela oportunidade de interlocução.

Nesse percurso, diálogo com as formulações de Michel Pêcheux (1988), Eni Orlandi ([1999] 2015) e Silvana Serrani (1991), entre outros autores, com o objetivo de discutir a relação entre autoria, repetição e diferença, e de compreender a escrita acadêmica como prática de alteridade e gesto político de reinscrição do saber.

Organizo este trabalho em três momentos principais: no primeiro, discuto o conceito de autoria na Análise de Discurso e sua relação com a ideologia e o sujeito; no segundo, proponho uma leitura das “ressonâncias discursivas” em Michel Pêcheux, articulando-as ao processo de repetição e reformulação teórica; e, por fim, no terceiro momento, apresento uma reflexão sobre a permanência e a atualidade do pensamento pecheuxiano na História das Ideias Discursivas.

2. A autoria e o sujeito do discurso teórico

Quando falo aqui em autoria, é preciso marcar que não se trata de qualquer forma de autoria, mas daquela que se realiza no campo do discurso acadêmico, espaço de saber, de legitimidade e de poder. O texto teórico-científico impõe ao sujeito uma posição discursiva específica: a de quem fala sob o olhar do outro e com o outro sujeito que também poderá vir a ser autor de discurso(s) acadêmico(s) (e neste caso também cabe mencionar a validação desse discurso pelos pares, por exemplo). Nessa forma de dizer, o sujeito-autor se constitui não apenas como produtor de conhecimento, mas como parte de uma rede de discursos que o antecede e o autorizam.

Na autoria acadêmica, então, o autor fala a partir de outros discursos, em diálogo com conceitos, tradições e filiações teóricas que o sustentam. Esse gesto de escrita é, portanto, também um gesto de leitura: cada formulação

carrega formulações anteriores, cada argumento traz a marca de um já-dito que retorna.

Essa relação é percebida no funcionamento do texto acadêmico brasileiro contemporâneo, em que o autor “valida” o seu dizer por meio de citações diretas ou indiretas, reafirmando o caráter coletivo e histórico da produção do saber. Como afirma Orlandi ([1999] 2015), é por meio do sujeito que o sentido se realiza e é nesse lugar, atravessado pela memória discursiva, que o autor teórico assume sua posição.

A partir de Michel Pêcheux ([1969] 1997), se pode compreender que o discurso científico não escapa das formações ideológicas que o constituem: ele se organiza por meio de retomadas, repetições e reformulações. Nesse viés, o sujeito da escrita teórica é também o sujeito da repetição: aquele que reinscreve o saber em novas condições de produção, tornando-se autor no e pelo gesto de reformular o já-dito.

Pensar a autoria acadêmica sob essa perspectiva é compreender que o conhecimento se faz pela diferença que a repetição introduz. Cada citação, cada referência, é uma forma de reinscrição: o autor diz novamente, mas não do mesmo modo. Sua voz é, ao mesmo tempo, retorno e deslocamento, ressonância e criação/produção de conhecimento(s).

3. Entre o silêncio e a voz: a Deusa Eco e o sujeito do discurso

Na mitologia grega, Eco é uma ninfa das montanhas, filha da Terra e do Ar. Dotada de uma fala encantadora, entretinha Hera com longas conversas, desviando-lhe a atenção. Como castigo, foi condenada a não ter mais voz própria, podendo apenas repetir as últimas palavras que ouvia. Ao apaixonar-se por Narciso e ser rejeitada, Eco se desfez até restar apenas sua voz, que passou a reverberar pelas montanhas.

A imagem de Eco oferece uma metáfora possível para o campo da Análise de Discurso. Eco representa a voz que ressoa o outro, a fala que não inaugura o dizer, mas o reinscreve, deslocando-o. Na repetição, ela não produz o mesmo, e sim produz diferença. Assim, sua voz sem corpo fala do próprio sujeito discursivo: aquele que se constitui no entre-lugar da linguagem, no espaço em que o já-dito é retomado sob novas condições de produção.

Michel Pêcheux ([1975] 2009) ensina que o sujeito do discurso é um efeito, não uma origem. Ele fala a partir das formações ideológicas e discursivas que o antecedem, atravessado pela memória e pela história. Como Eco, o sujeito repete, mas, ao repetir, ressignifica. O eco é, portanto, um gesto de resistência ao sentido, um modo de permanecer dizendo, mesmo quando se fala com as palavras do outro.

Nesse sentido, a metáfora de Eco permite visualizar o funcionamento das “ressonâncias discursivas” (Serrani, 1991). O discurso é sempre atravessado por outros discursos; o sentido circula, reverbera, desloca-se. O saber, assim como a voz de Eco, não se extingue, mas permanece em movimento, ressoando no tempo e na língua.

Como observa Orlandi ([1999] 2015), o dizer é atravessado por dizeres e por memórias. O gesto de Eco, condenado à repetição, revela que repetir é já interpretar, e que o silêncio entre uma palavra e outra é o espaço em que o sentido se transforma.

É possível, assim, compreender a figura mítica em relação à teoria discursiva: na voz que retorna, atravessada por já-ditos, a história se reinscreve.

4. O autor como sujeito atravessado: o discurso acadêmico e a memória do dizer

A reflexão sobre Eco encontra ressonância na análise da autoria acadêmica. O sujeito que assume a posição de autor no discurso científico não fala a partir do vazio, mas a partir de outros enunciados, conceitos e saberes historicamente constituídos.

Como lembra Pêcheux ([1975] 2009), as formações ideológicas e discursivas constituem o sujeito e, por sua vez, os discursos que por ele são produzidos; logo, seu dizer não é inaugural, mas resultado de deslocamentos, retomadas e filiações.

Ser autor, nessas condições de produção, é inscrever-se na história do dizer, e não escapar dela. Orlandi ([1999] 2015) explica que o autor, inscrito em determinada formação discursiva, tem responsabilidade pelo que enuncia e, ainda, só enuncia o que pode e deve ser dito por ele. Essa posição resulta em um gesto político e simbólico: o autor se autoriza a dizer na medida em que reorganiza sentidos ditos por outros, em outros mo(vi)mentos de análise.

Essa condição se intensifica na escrita acadêmica, lugar em que o gesto de autoria não se separa da memória discursiva. O texto científico, especialmente no contexto brasileiro contemporâneo, é estruturado por uma prática de validação por meio de citações diretas/indiretas, isto é, o autor afirma seu saber apoiando-se nas vozes de outros autores.

As citações diretas e indiretas são marcas materiais do funcionamento ideológico do discurso acadêmico. Elas indicam que o conhecimento se produz a partir de outros conhecimentos, que o discurso vem de outros discursos.

Ao citar, o autor reinscreve uma voz na sua própria enunciação, produzindo um efeito de legitimidade e de continuidade histórica. Essa

dinâmica faz da escrita acadêmica um campo de ressonâncias discursivas (Serrani, 1991), em que um discurso convoca outro(s), sem que eles se anulem, pelo contrário, eles se fortalecem ao movimentarem sentidos/ reflexões/ conceitos e, assim, produzem ecos, ressoam, ressonam sentidos.

O saber não se origina, portanto, de um ponto fixo, mas da mistura de vozes que se entrelaçam. Foucault ([1971] 2019) também propõe pensar a autoria não como figura de criação, mas como função discursiva: o autor não é um indivíduo e sim uma função do discurso que organiza e distribui o dizer.

Essa função organiza o campo do dizer científico. O sujeito-autor, ao citar, não apenas reproduz; ele reformula, recorta e desloca o já-dito, instaurando novos sentidos. O gesto de citação é, ao mesmo tempo, um gesto de autoria porque é na relação com o outro que o sujeito se faz autor.

A estrutura da escrita científica constitui-se em um lugar polêmico/controverso, uma vez que, quanto mais o autor remete ao outro, mais ele afirma sua própria posição no discurso. Sua autoria se realiza no lugar da repetição e da diferença, da filiação e da criação. É nesse espaço que o saber se constrói, e é nele que o autor encontra sua voz.

Como observa Orlandi ([1999] 2015), a autoria se faz no espaço da repetição, produzindo deslocamento de sentidos. Assim, o autor acadêmico é, antes de tudo, um sujeito ressonante, cujas palavras são atravessadas por ecos teóricos, vozes de outros tempos e outros textos. Seu dizer é um campo de memória e esquecimento, de retorno e ruptura. Ao produzir conhecimento, o autor reinscreve o já-dito em outro tempo e, nesse gesto, dá corpo novo ao discurso do saber. Em última instância, o autor acadêmico é o próprio Eco da teoria: uma voz que, ao repetir, cria; que, ao citar, transforma;

que, ao se fazer ouvir entre tantas outras vozes, mantém viva a ressonância do pensamento.

A questão da autoria, na Análise de Discurso de linha francesa, não se limita à identificação de um nome ou à atribuição de propriedade sobre um texto. Trata-se de compreender a autoria como um efeito discursivo, produzido no encontro entre o sujeito, a língua e a história. Em outras palavras, o autor é um lugar de enunciação atravessado por discursos outros que o precedem e o excedem.

Para Michel Pêcheux, o sujeito não é origem do dizer, mas efeito das condições ideológicas de produção do discurso. Inspirado em Althusser, Pêcheux compreende que o sujeito é interpelado pela ideologia, isto é, constituído enquanto sujeito do discurso na medida em que reconhece e reproduz, inconscientemente, as formações ideológicas nas quais está inscrito. Como afirma o filósofo marxista, “a ideologia interpela os indivíduos como sujeitos” (Althusser, [1969] 1979, p. 93). Essa formulação rompe com a concepção humanista de sujeito autônomo, consciente e livre para determinar seus próprios sentidos.

Nesse quadro teórico, a autoria deixa de ser o ponto de partida e passa a ser compreendida como ponto de atravessamento, o lugar onde as formações discursivas se inscrevem e se materializam. Pêcheux ([1969] 1997) mostra que os sentidos não são transparentes, mas produzidos sob condições determinadas. Assim, as palavras têm sentido de acordo com as posições assumidas pelos sujeitos que as empregam (Pêcheux, [1969] 1997), o que implica que o autor é atravessado por uma rede de sentidos já-ditos, que delimitam e, ao mesmo tempo, possibilitam seu dizer.

Essa concepção aproxima-se da reflexão foucaultiana sobre a função-autor, que, segundo Foucault ([1971] 2019), é uma unidade que organiza os sentidos. O autor, portanto, não é

apenas o produtor do texto, mas o operador de uma função que regula o que pode e o que não pode ser dito. Pêcheux radicaliza essa discussão ao evidenciar que essa função é histórica e ideológica, marcada por posições de sujeito em conflito.

Nesse movimento, a autoria torna-se um espaço de ressonâncias discursivas, em que se fazem ouvir as vozes de outros sujeitos e de outras teorias. O “eu” que fala é sempre um “nós”, um sujeito dividido, inscrito no simbólico e determinado por processos de memória discursiva. Como lembra Orlandi ([1999] 2015), o sujeito é histórico e a sua relação com a língua é determinada por tal historicidade.

Desse modo, o autor não inaugura o discurso, mas se reinscreve nele. A escrita, como gesto de autoria, torna-se um espaço de reformulação e deslocamento, um ponto de escuta das vozes que o antecedem. É nesse sentido que Kelly F. Guasso da Silva (2024) aponta, em Michel Pêcheux na Análise de Discurso, que “tomar posição e dizer ‘eu’ não significa que o discurso não seja afetado pelas condições socio-históricas nas quais ele é produzido” (Silva, 2024, p. 13). A escrita em primeira pessoa, portanto, não é apenas expressão da subjetividade, mas gesto teórico que materializa o funcionamento ideológico da linguagem.

Nessa perspectiva, a autoria do discurso teórico/ acadêmico se configura como um lugar de repetição e diferença: o mesmo e o outro coexistem na superfície do discurso. O autor é aquele que repete, reformula e desloca sentidos já postos, instaurando novas possibilidades de leitura. A produção teórica de Pêcheux é um exemplo nesse aspecto, pois, ao longo de sua trajetória, o autor revisita seus próprios conceitos, colocando em movimento o que ele mesmo havia estabilizado. Maldidier ([1993] 2011) observa que Pêcheux refaz o seu caminho teórico, o que demonstra o caráter processual e de sua teoria.

O sujeito, assim como o autor, é constituído por essa relação entre permanência e deslocamento. A cada repetição, um novo sentido se inscreve; a cada retomada, algo se perde e algo se cria. O autor é, portanto, um sujeito em movimento, um espaço de reverberações discursivas, o que permite compreender a autoria como um lugar de ressonâncias discursivas, ou seja, eco de discursos que o antecedem e que nele se reinscrevem.

Essa concepção abre caminho para pensar o próprio Michel Pêcheux como um autor múltiplo, marcado pela coautoria e pela heterogeneidade de sua produção. Seus textos, frequentemente escritos com outros pesquisadores (como Catherine Fuchs, Paul Henry, Françoise Gadet e Denise Maldidier), mostram que a teoria do discurso é, em si mesma, uma construção coletiva. A autoria pecheuxtiana, portanto, é uma autoria partilhada, ou, como diria Serrani (1991), uma autoria que “ressona” no outro.

5. As ressonâncias discursivas na produção teórica de Michel Pêcheux

Ao retomar o percurso teórico de Michel Pêcheux, percebo que a repetição ocupa um lugar central em sua produção intelectual, mas não como simples retorno ao mesmo. A repetição, em Pêcheux, é um gesto de retomada que carrega em si a diferença, pois cada nova formulação se dá em condições de produção singulares, atravessadas por novos mo(vi)mentos históricos e discursivos. É nesse movimento que se pode compreender o conceito de “ressonâncias discursivas” (Serrani, 1991), que propõe pensar os deslocamentos e reverberações dos sentidos na história da teoria.

Serrani (1991) sugere que as ressonâncias não se limitam ao eco sonoro de um enunciado anterior, mas dizem respeito ao modo como

os discursos se refazem e se transformam, produzindo novos efeitos de sentido. As ressonâncias, assim, marcam o funcionamento da memória discursiva, entendida, segundo Pêcheux ([1983] 1990), como a materialidade histórica do discurso, que retorna em outros discursos. Nesse sentido, as ressonâncias são o lugar em que o já-dito encontra o por-dizer, configurando um espaço de produção teórica em movimento contínuo.

Na Análise de Discurso, a repetição é um princípio constitutivo do sentido. Pêcheux ([1975] 2009) demonstra que o discurso é atravessado por formulações possíveis, de modo que cada enunciado se ancora em enunciados anteriores e abre possibilidades para enunciados futuros. Dizer é reformular, e reformular é inscrever-se em uma memória. Essa memória não é individual, mas histórica, social, ideológica. Como observa Orlandi ([1999] 2015), a repetição reinscreve o sujeito na história dos sentidos.

No livro *Michel Pêcheux: na História das Ideias Discursivas*, retomamos essa discussão ao propor que as ressonâncias discursivas são efeitos de sentido que se repetem e se deslocam (Silva, 2024). Essa leitura evidencia a dimensão processual do pensamento pecheuxtiano: cada retomada teórica é também uma forma de desconstrução, uma reinterpretação crítica de seus próprios conceitos. Assim, o percurso de Pêcheux pode ser lido como uma espiral teórica, em que as reformulações se dão em movimento de constante reelaboração.

Malidier ([1993] 2011) também levanta essa ideia ao afirmar que Pêcheux foi um autor que se construiu e se desconstruiu. Essa característica faz com que o pensamento pecheuxtiano seja, ao mesmo tempo, coerente e inacabado, um pensamento em busca de si mesmo, atravessado pela presença do outro. É nesse ponto que as ressonâncias discursivas se tornam fundamentais: elas revelam o funcionamento da teoria como

processo histórico, mostrando que o saber não se acumula, mas se reinscreve.

A leitura das ressonâncias discursivas no interior da obra de Pêcheux permite, portanto, compreender o modo como os conceitos de discurso, ideologia e sujeito se deslocam ao longo do tempo. No livro *Análise automática do discurso* (Pêcheux, [1969] 1997), o autor propõe a articulação entre linguística, marxismo e psicanálise, sustentando uma concepção fortemente estrutural. Já em *Semântica e discurso* (Pêcheux, [1975] 2009), ele revê suas posições, introduzindo a noção de formação discursiva como espaço de heterogeneidade e conflito ideológico. Essa passagem teórica, marcada pela autocrítica, é um dos exemplos mais potentes das ressonâncias discursivas em funcionamento: a teoria se refaz, e ao refazer-se, ressoa o que foi dito, mas sob outra forma.

Fenoglio (2013) nomeia esse movimento de “ruminação teórica”, indicando que o pensamento discursivo retorna sobre si mesmo, mastigando e remanejando conceitos em busca de novas articulações. Esse gesto de “ruminar” é também o gesto do autor que escuta as vozes de seu próprio discurso, reconhecendo nelas as presenças do outro. Assim, as ressonâncias discursivas são também marcas de coautoria, pois a teoria de Pêcheux se faz na interlocução com outros pensadores, com seus contemporâneos e com seus leitores.

Na perspectiva da *História das Ideias Discursivas* (Orlandi [1999] 2015; 2019), as ressonâncias podem ser compreendidas como movimentos de memória que atravessam o tempo e inscrevem o teórico em uma cadeia histórica de formulações. A teoria não é, portanto, produto de um autor isolado, mas resultado de um processo coletivo e histórico de construção de saber. Assim, pensar as ressonâncias discursivas é também pensar o modo como a ciência do discurso se constitui como campo aberto, permeado por reformulações, deslocamentos e

esquecimentos.

Esse processo é visível não apenas nos textos teóricos, mas também nas práticas editoriais e nas publicações de Pêcheux. Como destacamos em Silva (2024), ao mapear as revistas *Langages*, *Mots* e *L'homme et la Société*, é possível observar a circulação dos conceitos e a forma como os sentidos teóricos se deslocam entre autores e instituições. O discurso científico, portanto, é também um espaço de circulação e ressonância: nele, a autoria se dilui no coletivo, e o texto se torna um ponto de passagem para o saber.

Desse modo, as ressonâncias discursivas operam como uma categoria de leitura que ultrapassa a noção de autoria individual, evidenciando o caráter histórico do conhecimento. Pêcheux não apenas pensa o discurso, mas o movimenta em sua própria escrita, uma escrita que se repete, se contradiz e se reformula, ressoando nos discursos que o antecederam e nos que o sucedem. O autor, assim, torna-se o próprio lugar da ressonância: espaço em que os sentidos se fazem e se refazem.

6. A autoria do discurso teórico como lugar de ressonâncias na História das Ideias Discursivas

Pensar a autoria do discurso teórico a partir de Michel Pêcheux implica romper com a imagem do autor como sujeito soberano do discurso. Em sua perspectiva, o autor não é origem, mas efeito de uma posição enunciativa; é o lugar onde se materializam determinadas condições de produção e onde se inscrevem memórias discursivas. Essa concepção, atravessada pelo materialismo histórico, afasta a noção individualista da autoria e a reinscreve em uma dimensão histórica e ideológica.

Como afirma Foucault ([1971] 2019), o “autor” não é o indivíduo empírico que escreve,

mas uma função discursiva, um princípio de agrupamento, delimitação e classificação de discursos. Pêcheux ([1975] 2009) retoma essa formulação ao pensar o sujeito do discurso como um lugar vazio, um espaço em que o dizer é atravessado por outras vozes e outras formações discursivas. Assim, o autor é, antes de tudo, um efeito de discurso, constituído no jogo das determinações ideológicas e históricas.

Ao propor que a autoria é um lugar de ressonâncias |(em Silva, 2024), inscrevemos essa discussão em um campo ampliado, onde o autor é visto como espaço de reverberação dos sentidos teóricos, e não como fonte de originalidade. A autoria torna-se, então, um dispositivo de memória: aquilo que ressoa, retorna e se reinscreve, produzindo conhecimento(s) e deslocamento(s) na história.

Essa formulação permite pensar a História das Ideias Discursivas não apenas como uma sucessão cronológica de obras, mas como um campo de ressonâncias entre autores, conceitos e instituições. Nesse campo, o gesto autoral do discurso teórico é também um gesto de leitura: ao escrever, o teórico reinscreve os sentidos de outros discursos, fazendo ecoar o que já foi dito sob novas condições. É o que Pêcheux ([1983] 1990) denomina “interdiscurso”, a rede de formulações anteriores que constitui a materialidade do dizer.

Orlandi ([1999] 2015) observa que o sujeito autor ocupa o espaço entre o já-dito e o ainda não-dito. Essa leitura aproxima o autor da figura do intérprete, pois seu gesto de escrita é sempre também um gesto de interpretação. A autoria, nessa perspectiva, é menos um ponto de origem e mais um espaço de atravessamentos discursivos, em que a história do pensamento ganha corpo e se reconfigura.

Ao longo de sua trajetória, Michel Pêcheux viveu esse modo de autoria que ressoa. Seus textos são marcados por uma escrita que se

revisita: cada publicação é, de algum modo, uma resposta a si mesmo. Como afirma Maldidier ([1993] 2011), a obra de Pêcheux é uma obra que se reinterpreta. Essa dinâmica de retomadas e reformulações constitui um verdadeiro arquivo de ressonâncias, no qual o pensamento se escreve em espiral.

O conceito de “autoria do discurso teórico como lugar de ressonâncias discursivas” permite também deslocar a forma como se compreende a produção teórica em seu conjunto. Ao reconhecer que o autor é atravessado por múltiplas vozes e temporalidades, essa leitura evidencia o caráter coletivo e histórico da teoria. O saber discursivo, assim, não pertence a um sujeito, mas circula entre sujeitos, textos e instituições, ecoando e se transformando.

Como lembra Orlandi ([1999] 2015), o gesto teórico não é apenas de formulação, mas de interpretação e reinscrição. O autor, nesse sentido, atua como mediador de saberes entre memórias discursivas, atualizando sentidos sem apagá-los. Essa concepção aproxima o trabalho teórico da própria dinâmica do discurso: ambos são atravessados pela incompletude, pela necessidade de retomada e pela abertura ao outro.

Em Silva (2024), retomamos essa ideia ao propor que a autoria é o lugar de escuta do já-dito e de invenção do por-dizer. Tal formulação enfatiza o caráter criativo da teoria, não como invenção artística, mas como reconfiguração do que ressoa na história. Assim, pensar a autoria como lugar de ressonâncias é reconhecer que o sentido teórico nasce no entremeio entre o dizer e o repetir, entre o mesmo e o outro, entre o silêncio e o acontecimento.

Nesse ponto, a História das Ideias Discursivas se afirma como campo de escuta: trata-se de ouvir as reverberações do pensamento em movimento, de acompanhar a travessia dos conceitos entre tempos e lugares distintos.

A autoria, enquanto lugar de ressonância, é o espaço em que essas vozes se cruzam, produzindo novas possibilidades de leitura e de escrita.

Como aponta Fenoglio (2013), a teoria pecheuxtiana é um espaço de diálogo com o passado e com o futuro, uma teoria que fala de dentro da história e que se deixa afetar por ela. Essa abertura ao outro é também o que garante a vitalidade do campo discursivo, pois faz com que a teoria não se cristalice, mas permaneça em permanente estado de ressonância.

Assim, compreender a autoria como lugar de ressonâncias é compreender que o teórico não é o ponto de chegada, mas o ponto de passagem da história dos sentidos. Pêcheux é um autor que ressoa não apenas por suas formulações, mas por sua escuta, por sua capacidade de fazer vibrar as vozes da teoria em novas configurações discursivas.

7. Conclusão: o gesto de dizer como ressonância

Pensar a autoria do discurso teórico como lugar de ressonâncias discursivas é reconhecer que a teoria não se esgota na figura de um sujeito individual, mas se constitui como espaço de reverberação histórica. Ao longo deste artigo, busquei compreender a forma como Michel Pêcheux, em sua trajetória intelectual, inscreve a autoria em uma zona de tensões entre o sujeito e a ideologia, entre o dizer e o já-dito, entre a criação e a memória discursiva.

A Análise de Discurso, enquanto campo teórico fundado por Pêcheux, não apenas descreve os modos de funcionamento da linguagem, mas propõe uma escuta do modo como o sentido se produz no entremeio das vozes. Nesse contexto, a autoria deixa de ser entendida como a origem de um pensamento e passa a ser concebida como um lugar em que se materializam as condições históricas e

ideológicas de produção dos discursos.

A História das Ideias Discursivas, trabalhada por Orlandi ([1999] 2015; 2019), evidencia que o trabalho teórico é também um trabalho de leitura. O autor é, antes de tudo, um leitor que interpreta o já-dito e reinscreve os sentidos sob novas condições de produção. Pêcheux, nesse movimento, é exemplar: cada uma de suas fases teóricas reinterpreta a anterior, revelando um pensamento em constante (des) construção.

Refletir sobre o autor e sobre o funcionamento discursivo que o constitui implica compreender que todo dizer é eco, não no sentido de mera repetição mecânica, mas como reverberação de sentidos, como gesto de reinscrição.

Não se trata aqui de pensar a autoria em geral, mas a autoria que habita o texto teórico, esse espaço em que o sujeito escreve sob o olhar do outro e sob o peso do já-dito. A autoria acadêmica é um exercício de escuta: o autor fala, mas fala com e através de vozes alheias. Ele não inaugura o dizer, mas o reinscreve. Nesse gesto, o autor é também leitor, é também Eco: uma voz que devolve à linguagem o seu próprio movimento de ressonância.

Assim como Eco, a ninfa que repete e transforma o dizer do outro, o sujeito que assume a posição de autor o faz a partir de um lugar de escuta, de atravessamento. Ele fala com as palavras da história, sob as condições que o discurso lhe impõe, mas encontra, nesse mesmo limite, o espaço possível da criação.

Michel Pêcheux ([1975] 2009) nos convida a pensar o sujeito como um efeito ideológico, um sujeito que acredita ser origem de seu dizer, mas que é atravessado por formações discursivas e ideológicas que o precedem. Esse sujeito, ao falar, reinscreve o já-dito e, ao fazê-lo, reinscreve a si mesmo na história.

O autor do discurso teórico, portanto, é o resultado de um processo de deslocamento do sujeito no discurso. Ele não cria a teoria do nada; ele a constitui no contato com outros textos, com outras vozes, com outros tempos.

Na História das Ideias Discursivas, conforme propõe Orlandi ([1999] 2015), pensar o discurso é pensar também o modo como o conhecimento se produz e circula. O autor é uma posição que se constitui na memória discursiva e que, ao mesmo tempo, a movimenta.

Ao retomar e reformular conceitos repetindo, deslocando, reformulando, o sujeito-autor atua como mediador da história do saber. Ele não apenas transmite, mas transforma o conhecimento discursivo.

Essa é a lógica das ressonâncias discursivas (Serrani, 1991): o discurso não se apaga no tempo; ele se propaga em ecos, reverberando nas produções teóricas, nas leituras e nas reescritas.

Esse processo de retorno teórico é um movimento em que o sujeito do saber revisita e desestabiliza suas próprias formulações, num gesto de busca, de desconstrução e de reconstrução da teoria. É nesse espaço que a autoria se faz e se desfaz, em um ciclo de produção e ressignificação.

A metáfora de Eco ilumina essa dinâmica: ao repetir as palavras de Narciso, a ninfa não o imita, ela o reflete, devolvendo-lhe um outro dizer, uma outra tonalidade. Assim também o discurso teórico: ele não apenas repete o que veio antes, mas o devolve sob novas condições de produção, em outro tempo, em outro gesto.

O sujeito-autor do discurso teórico é, nesse sentido, o ponto de inflexão entre o silêncio e a voz: é aquele que faz reverberar o já-dito, produzindo diferença na repetição. Como lembra Orlandi ([1999] 2015), a história não se repete, ela retorna de outros modos. E esse movimento é o que mantém viva a teoria

do discurso: uma teoria que não se fecha, que não cessa de buscar, que se alimenta do próprio movimento que a constitui.

O autor, então, não é uma origem nem um destino, é um lugar de passagem entre dizeres. Seu gesto de autoria é o gesto de dar corpo à linguagem, permitindo que o discurso continue a falar, mesmo quando muda de forma, de contexto ou de voz. Ao compreender a autoria do discurso teórico como um lugar de ressonâncias, compreendo também que o saber não pertence a um sujeito isolado, mas a uma história que se movimenta e se reinscreve. O discurso acadêmico, com suas citações, intertextualidades e filiações, é a materialidade desse processo. Como propomos em Silva (2024), a teoria vive de suas ressonâncias.

Assim, o autor não é aquele que encerra o sentido, mas aquele que o faz vibrar. É nesse movimento que a Análise de Discurso se mantém viva: como campo em que a autoria é memória, movimento e abertura. O gesto teórico, quando atravessado por essa escuta das ressonâncias, torna-se um espaço de criação coletiva, em que cada texto é um eco de muitos outros, e cada conceito é, também, uma história de leituras. Cada citação é um eco; cada referência, uma memória discursiva que se atualiza; cada texto, uma dobra de outros textos.

Em última instância, pensar a autoria na História das Ideias Discursivas é reconhecer que a teoria é sempre uma travessia: um percurso que se faz na tensão entre repetição e diferença, entre o dito e o não-dito, entre o silêncio e a voz.

E talvez seja justamente essa travessia, esse gesto de dizer e escutar, de repetir e reinventar, que faz do discurso teórico também um espaço de resistência, um lugar em que a linguagem continua a produzir sentido, mesmo quando parece apenas ecoar.

Referências bibliográficas

ALTHUSSER, Louis. Materialismo histórico e materialismo dialético. In: BADIOU, Alain; ALTHUSSER, Louis. Materialismo histórico e materialismo dialético. Tradução Elisabete A. Pereira dos Santos. São Paulo: Global Editora e Distribuidora Ltda, [1969] 1979, p. 33-56.

FENOGLIO, Irène. Manuscritos de linguistas e genética textual: quais os desafios para as ciências da linguagem? Exemplos através dos "papiers" de Benveniste. Tradução Simone Oliveira, Verli Petri e Zélia Paim. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2013. 62 p. Série Cogitare.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 02 de dezembro de 1970. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, [1971] 2019.

MALDIDIER, Denise. A inquietude do discurso. Um trajeto na história da Análise do discurso: o trabalho de Michel Pêcheux. In: PIOVEZANI, Carlos; SARGENTINI, Vanice. Legados de Michel Pêcheux: inéditos em Análise de Discurso. São Paulo: Contexto, [1993] 2011, p. 39-62.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de Discurso: princípios e procedimentos. 12. ed. São Paulo: Pontes, [1999] 2015.

PÊCHEUX, Michel. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, [1975] 2009.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp, [1969] 1997.

PÊCHEUX, Michel. Discurso: estrutura ou

acontecimento. Campinas: Pontes, [1983] 1990.

SERRANI, Silvana. Ressonâncias discursivas: uma perspectiva teórica e analítica. São Paulo: Cortez, 1991.

SILVA, Kelly F. Guasso da. Michel Pêcheux: na História das Ideias Discursivas. São Paulo: Pontes, 2024.

Submissão: novembro de 2025

Aceite: Dezembro de 2025.